

Maria Teresa Horta: 0 Dia em que o Voo se Tornou Invisível

written by José Paulo Santos | 4 de Fevereiro, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos



Rasgo os poemas
Pelos calçadas do peito
Nas sombras dos silêncios
Das palavras nuas e mudas

Amordaçados gritos
Nas grades das páginas
Esperando o ciclar da ave
Do outro lado do sono

Sou o invisível do voo
Eco de montanha sou
Errante nas garras do sol
Lavro versos de saudade.

in 0 Invisível do Voo (2021), José Paulo Santos



Hoje, 4 de fevereiro de 2026, assinalamos com o coração em vela o primeiro aniversário da partida de Maria Teresa Horta – a última das Três Marias que, com a sua escrita incandescente, desafiou a ditadura, libertou corpos e palavras, e nos legou uma poesia rente ao desejo, à vida e à insubmissão. Partiu em 4 de fevereiro de 2025, aos 87 anos, em Lisboa, deixando o mundo mais silencioso e, paradoxalmente, mais sonoro – pois as vozes que ela libertou não se calam.

Recordo-a não como estátua de mármore, mas como presença viva nas nossas longas conversas – aquelas em que o tempo se dilatava e as palavras ganhavam asas. Foi nesse diálogo sereno e profundo que nasceu o título do meu último livro de poesia, “O Invisível do Voo”: um eco da sua própria escrita, onde o corpo voa mesmo quando preso, onde o desejo transcende a matéria, onde o invisível – esse território do afeto, do silêncio, da memória – é o verdadeiro espaço da liberdade. Ela sabia, como poucas, que voar não é apenas elevar-se no ar; é habitar o interstício entre o dito e o não dito, entre o corpo e o sonho, entre a palavra proibida e a sua irrupção libertadora.

No ano que se seguiu à sua morte, Patrícia Reis ofereceu-nos A

Desobediente – uma biografia densa, íntima e profundamente humana, fruto de conversas prolongadas com a própria poeta e com quem a amou. Mais do que um registo cronológico, é um ato de escuta: Patrícia, mestre em Ciências da Religião e jornalista desde os dezassete anos, soube captar não apenas os factos da vida de Maria Teresa, mas a sua energia telúrica – aquela força que a fez desobedecer sempre: ao pai autoritário, ao marido ciumento, à polícia política, às convenções que prendem o corpo e a palavra.

Maria Teresa Horta não escrevia poemas: escrevia atos de coragem. Nas “Novas Cartas Portuguesas” – obra coletiva com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa – transformou a cantiga de amigo medieval num manifesto contra a opressão das mulheres, num grito que abalou os alicerces do salazarismo e se tornou emblema do feminismo internacional. Foi processada, perseguida, mas nunca dobrada. *«Sou uma pessoa extremamente triste, mas não sou frágil. Sempre lutei pela liberdade desde os 15 anos»*, diria décadas depois, com a serenidade de quem conhece o preço da luz.

Hoje, ao evocá-la, sinto o peso suave das suas palavras, das suas provocações sobre o meu ombro – não como fantasma, mas como semente. Porque ela ensinou que a poesia não é ornamento: é resistência. Que o feminino não é fraqueza: é força telúrica. Que o invisível – esse domínio do que não se vê mas se sente, do que não se toca mas transforma – é onde a verdade habita. E assim, “O Invisível do Voo” carrega-a consigo: não como epígrafe, mas como respiração; não como citação, mas como sangue.

Que o seu voo continue invisível e omnipresente entre nós – nas jovens que lêem “Novas Cartas” pela primeira vez e descobrem que o corpo lhes pertence; nas mulheres que escrevem sem pedir licença; nos homens que aprendem a escutar o silêncio das outras. Maria Teresa Horta não morreu: transformou-se em pássaro de tinta e fogo e cada verso seu é uma asa que nos ensina a voar mesmo quando as grades parecem

eternas.

Com gratidão infinita, guardo-a na memória – não como museu, mas como jardim onde as palavras continuam a florir.